

# O COMPORTAMENTO ELEITORAL NAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 1988 E 1992 NO OESTE DE SANTA CATARINA

*Monica Hass\**

## **Introdução**

Este trabalho tem como objetivo principal verificar as tendências político-partidárias apresentadas pela região oeste do Estado, nas eleições municipais de 1992, a partir de uma perspectiva comparativa com o pleito municipal de 1988 e as eleições no âmbito nacional, interpretando de forma tímida o significado do resultado dessas tendências.

Esclarecemos que não foi possível aprofundar a análise sobre as tendências eleitorais, envolvendo as eleições municipais de 1988 e 92, no âmbito estadual, em função da inexistência de trabalhos nesse sentido.

Ressaltamos ainda que os dados são apresentados como resultados obtidos sob a forma agregada por tendência: partidos de centro, de esquerda e conservadores.

Classificamos como partidos de **centro**: o PMDB, o PSDB e o PDT; como partidos de **esquerda**: o PT, o PCB (PPS), o PC do B e o PSB; e os conservadores: PDS, PDC (PRN), PFL, PL e PRN. Observamos que existem divergências entre os cientistas políticos quanto ao enquadramento do PDT. Alguns, entre eles MENEGUELLO (1994), o classificam como esquerda, já outros, como RUA e COSTA FILHO (1990), como centro. Conhecendo a realidade da região, optamos em

---

\* Mestre em Sociologia Política, Professora do Depto. Ciências Humanas e Sociais e Coord. do Centro de Organização da Memória Sócio-Cultural do Oeste - CEOM, UNOESC/Chapecó-SC.

enquadrá-lo como centro. Por outro lado, lembramos que o PDS e o PDC formam mais tarde o PPR e o PCB, o PPS. Atualmente o antigo PDS é o PPB.

A metodologia empregada envolveu a pesquisa bibliográfica e a de campo. Na revisão bibliográfica foi realizado um apanhado sobre os principais trabalhos do tema enfocado, cujos elementos teóricos auxiliaram na interpretação dos dados coletados. A pesquisa de campo, por seu lado, abrangeu o acesso a fontes primárias - resultado oficial do TRE, das eleições municipais de 88 e 92, no oeste do Estado - e fontes secundárias - pesquisa em jornais. Os dados do TRE foram computados através de um processo eletrônico de análise de dados.

O oeste de Santa Catarina, por sua vez, sofre ao longo do período trabalhado, alterações na sua configuração física, com a criação de novas unidades administrativas na região, bem como, mudanças na estrutura político-partidária, devido à ampliação ou redução do número de vagas em Câmara de Vereadores e até mesmo mudança de siglas partidárias, dificultando em certos momentos a análise dos dados.

Ressaltamos ainda que esta pesquisa envolve uma primeira etapa de um trabalho mais amplo, uma vez que se objetiva dar continuidade a este projeto, enfocando as tendências eleitorais apresentadas nos pleitos de 1982 e 1986, com a finalidade de traçar o padrão do comportamento eleitoral apresentado no oeste de Santa Catarina, a partir da Nova República. Para isso pretendemos dialogar com outras disciplinas, áreas que ajudem a compreender os comportamentos políticos.

### **O cenário político-partidário no âmbito nacional**

Analisando três eleições verificadas sob a Nova República - 1982, 1986 e 1988 - DINIZ (1989, p. 334) conclui que a instabilidade do quadro partidário brasileiro reflete "as bruscas oscilações do eleitorado e a volatilidade do voto". A opção eleitoral não está ligada às preferências partidárias e a lealdade às siglas, mas sim a uma tomada de posição face ao quadro vigente.

Segundo DINIZ (1989, p. 335) ," o que move o eleitor é a

tentativa de alterar a situação e quebrar a inércia. O momento eleitoral passa a ser percebido como uma oportunidade de intervir nos acontecimentos e mudar-lhes o curso. Neste contexto, observa-se uma alta disponibilidade do eleitor, que não vota propriamente a favor de um partido, mas contra um estado de coisas”.

O voto de protesto, ao fortalecer os partidos situados à esquerda e à direita, pode ter conseqüências polarizantes, embora não expresse uma identificação ideológica com a sigla escolhida. De acordo com a autora, parte do crescimento dos partidos de esquerda, a partir dos pleitos eleitorais de 1985, resulta da expansão do voto ideológico, “refletindo uma radicalização das posições políticas, sobretudo nos grandes centros urbanos do país. Gostaria de ressaltar, porém, que uma proporção considerável deste crescimento foi motivada pela oposição à situação dominante” (Idem).

Entre os fatores favoráveis à polarização partidária DINIZ (Idem) sublinha o sentimento de rejeição ao governo e aos partidos com ele identificado e o descrédito da classe política, ressurgindo neste contexto o antipartidarismo que “ao acentuar o descrédito das instituições democráticas, cria um clima propício à ascensão de lideranças autoritárias e populistas à esquerda e à direita do espectro ideológico”. A autora ressalta ainda que a própria instabilidade do quadro partidário favorece a polarização.

A instabilidade do sistema partidário, no momento atual, é vista por muitos autores como sinal de desagregação do quadro partidário ou imaturidade do eleitorado. Contrapondo-se a eles, DINIZ (Idem) argumenta “que as mutações que se verificaram recentemente traduzem o desejo de mudança face à incapacidade do governo da transição no sentido de administrar a crise econômica e de implementar uma agenda de reformas, refletindo, ainda, um grau acentuado de independência do eleitorado diante de um quadro partidário em formação”.

Falando a respeito da eleição de 1986, Maria das Graças Rua e Carlos Roberto da Costa Filho (1990, p. 67) lembram que o eleitorado, ainda embalado pelo entusiasmo do Plano Cruzado, “traduziu em votos nas urnas o seu apoio àquilo que acreditava ser a promessa do novo: a República que se qualificava de “Nova”, que sucedia ao regime militar com uma proposta de construção de um país mais democrático,

moderno e eficiente”.

Assim, houve uma votação maciça nas eleições de 86, nas lideranças políticas da Aliança Democrática (PMDB e PFL), mas principalmente das do PMDB, com uma votação modesta para os partidos de esquerda e os partidos conservadores, o PDS em particular.

A frustração da expectativa do eleitorado, com o PMDB, mais do que o PFL, que é identificado como responsável pela crise vivida pelo país, dois anos depois, mais uma vez é expressa nas urnas. Nas eleições de 1988, a esquerda e os conservadores - os últimos em proporção bem superior - conquistam a preferência do eleitorado.

De acordo com RUA e COSTA FILHO (Idem, p. 68), “este apoio, ao invés de representar um realinhamento ideológico, constitui antes uma expressão de repúdio à estrutura tradicional de oferta de representação política e de manifestação do desejo do novo, da busca da mudança, ainda que difusos e desorganizados”.

Evidencia-se que nas eleições de 1992, o repúdio a Collor e suas idéias neo-liberalizantes, bem como a conotação moralista do voto contra a corrupção, tenham favorecido novamente o PMDB, partido vitorioso no último pleito eleitoral e os partidos mais à esquerda, com o declínio dos partidos mais à direita do espectro ideológico.

Em relação aos quadros políticos locais eleitos MENEGUELLO (1994, p. 160), afirma que a análise das tendências de comportamento do eleitorado entre 1989 e 1994, “mostra que a orientação básica é dada por uma lógica mesclada de uma tendência conservadora e ao mesmo tempo, de uma oposição sistemática”.

Segundo a autora (Idem, p. 160-61) “estudos mostram que as eleições municipais de 1988 marcaram um crescimento inegável das tendências políticas de esquerda; mais de 24% da população brasileira passaram a ser administrados pelos partidos de esquerda - PT, PDT, PSB, e PC do B - e, se somado o PSDB, 27%. Essas eleições marcaram, de fato, importante avanço na consolidação das agremiações de esquerda, obtido por vitórias em pólos urbanos importantes, como as vitórias do PT em São Paulo, Porto Alegre (RS), Campinas e Santos (SP)”.

MENEGUELLO (Idem, p. 161) complementa dizendo que “a dinâmica marcada pela combinação entre oposicionismo e

conservadorismo pode ser observada com os resultados eleitorais de 1992, quando a composição de municípios administrados pela esquerda cai para 16%, contra uma ocupação de mais de 60% para os partidos chamados conservadores, ou ainda de centro-direita - a saber, sobretudo, PMDB, PSD e PFL”.

Por outro lado, de acordo com MENEGUELLO (1994, p. 157), “a análise das tendências de comportamento político com relação aos partidos, em geral, durante a Nova República revela que, apesar dos esforços institucionais em busca da ampliação dos processos de participação e representação, mantiveram-se muito altos os índices que apontam a falta de identificação partidária”.

Pesquisas feitas com o eleitorado nacional sobre o grau de identificação partidária entre 1989 e 1994 revelam uma “alta proporção de indivíduos sem identificação com qualquer agremiação” (Idem, p. 157).

MENEGUELLO (Idem, p. 158) conclui que “com um baixo grau de confiança nos partidos e com pequena importância conferida ao seu papel na dinâmica política, os critérios construídos no universo do eleitor com respeito à representação são liderados pela figura do candidato, indicando que o personalismo político, mantém-se predominante no seu conjunto de parâmetros para a escolha política, mesmo depois de significativas alterações na dinâmica política institucional do país”.

Um outro dado que merece ser ressaltado é de que “a multiplicidade de legendas existentes não consegue estabelecer vínculos com o eleitorado, e mesmo as agremiações de maior representação no Congresso não encontram reflexo nas preferências partidárias” (Idem, p. 158).

### **Quem vence as eleições?**

Acompanhando a tendência eleitoral das eleições executivas municipais no país, observa-se, após uma análise envolvendo os 76 municípios do oeste de Santa Catarina, que também na região as agremiações partidárias conservadoras, - PDS, PFL - venceram o pleito

de 1988, conquistando 59% das prefeituras - bem como a maior proporção total dos votos - 60% (ver tabela 1). Enquanto que o centro - PMDB, PDT - 39% dos prefeitos e 37% da votação. A esquerda - PT - elegeu um (1) prefeito, fazendo 3% do percentual total dos votos.

**Tabela 1**

**Prefeituras e Votos conquistados pelos partidos vencedores das eleições 1988 e 1992, no Oeste de Santa Catarina**

		1988				1992			
Tendência	Partidos	Prefeituras	%	Votos	%	Prefeituras	%	Votos	%
Direita	PDS	23	50	85.567	53	16	21	27.319	12
	PFL	4	9	11.731	7	15	20	57.360	25
Centro	PSDB	0	0	0	0	1	1	3.037	1
	PMDB	16	35	52.896	33	35	46	125.552	54
	PDT	2	4	7.075	4	9	12	18.302	8
Esquerda	PT	1	2	5.393	3	0	0	0	0
Total		46	100	162.662	100	76	100	231.576	100

Fonte: TRE/SC.

A situação se inverte em 1992, quando os partidos de centro PMDB, PSDB, PDT - obtêm o maior número de prefeituras - 59% e o maior número de votos - 63%. A direita - PDS, PFL - 41% das administrações municipais e 37% dos sufrágios. A esquerda, representada pelo PT, apresenta um quadro de declínio no oeste do Estado, não elegendo nenhum prefeito na região, no último pleito eleitoral.

Através da tabela 2, percebemos que o quadro se repete no legislativo, com os conservadores conquistando a preferência do eleitorado em 1988, ao eleger 48% dos vereadores e 52% do percentual total dos votos. Na ocasião, o centro - PMDB, PSDB e PDT - elege 45% dos legisladores e faz 42% da votação, com uma diferença de apenas seis (6) vereadores e 10% no percentual de votação. A esquerda - PT - faz 7% dos vereadores e 6% da proporção total dos votos.

Tabela 2

**Vereadores e votos conquistados pelos partidos vencedores nas eleições de 1988 e 1992, no oeste do Estado de SC**

		1988				1992			
Tendência	Partidos	Vereadores	%	Votos	%	Vereadores	%	Votos	%
Direita	PDS	163	36	54.302	39	185	25	51.702	27
	PFL	50	11	16.846	12	114	15	32.783	17
	PDC	2	1	526	1	5	1	2.331	1
	PL	0	0	0	0	5	1	1.640	1
	PRN	0	0	0	0	13	2	3.367	2
Centro	PMDB	184	40	53.267	38	255	35	66.308	35
	PSDB	0	0	0	0	12	1	2.890	1
	PDT	25	5	5.880	4	82	11	18.737	10
Esquerda	PT	34	7	8.182	6	61	8	10.576	5
	PPS	0	0	0	0	1	1	533	1
Total		458	100	139.003	100	733	100	190.867	100

Fonte: TRE/SC.

Já em 1992, os partidos de centro obtêm 47% dos vereadores (349) e 46% dos votos e os conservadores o percentual de 44% vereadores eleitos (322) e 48% do total dos sufrágios. No entanto, chama a atenção, que apesar das agremiações centristas obterem o maior número de prefeituras, os conservadores é que possuem a maior proporção dos votos, numa diferença de 4%. Já a esquerda - PT e PPS - elege 9% dos vereadores e conquista 6% da votação, mantendo seu percentual de votação em relação às demais agremiações partidárias, praticamente estacionado.

A partir deste quadro, constata-se que o fenômeno que ocorre no âmbito nacional também acontece no oeste de Santa Catarina, onde no exercício do voto se lê uma manifestação de rejeição ao *status quo* e expectativas de mudanças. Mas este desejo do novo, nas eleições de 1992, com o avanço dos partidos de centro, vem junto com um desejo de moderação. Por outro lado, se observa a polarização partidária, levantada por DINIZ (1989) e MENEGUELLO (1994), onde se constata uma lógica envolvendo uma tendência conservadora e ao mesmo tempo, de uma oposição sistemática, sem aspectos claros de identificações partidárias.

## Considerações Finais

Vale lembrar que o cenário político descrito acima está inserido dentro de um sistema partidário nacional, que não se apresenta “estruturalmente consolidado”, ocorrendo ao longo da Nova República, uma configuração partidária, com elevado grau de fragmentação e um constante realinhamento partidário. Ressaltando-se ainda a fragilidade crônica dos partidos quanto à sua capacidade de representação e articulação de tendências ideológicas firmes. Aspectos observados também no oeste de Santa Catarina, onde constata-se um realinhamento eleitoral, questionando-se a partir daí a capacidade de representação e articulação dos partidos.

Segundo MENEGUELLO (1994, p. 157), “o baixo grau de institucionalização dos partidos reflete-se diretamente na concepção de democracia constituída pelo eleitorado. Pesquisas de opinião realizadas com a população brasileira em fins dos anos 80 e início dos anos 90, apontam uma concepção de vida democrática frágil, apoiada quase exclusivamente na solução da crise econômica e na manutenção da ARENA participativa, fundamentalmente a realização das eleições diretas”.

Por outro lado, apesar deste trabalho não se preocupar com as alianças políticas firmadas nos dois pleitos trabalhados, chama a atenção que tanto os grandes como os pequenos partidos estão deixando de lado suas ideologias políticas e, em busca de votos, se unem em torno de determinada liderança da comunidade, revelando a fraca definição ideológica dos partidos políticos.

As alianças entre as mais diferentes tendências político-partidárias, principalmente no último pleito eleitoral, são uma clara demonstração de ocorrência da desideologização do embate político e a predominância do personalismo político também no oeste de Santa Catarina.

## Referências Bibliográficas

- BAQUERO, Marcello (org). **Abertura política e comportamento eleitoral nas eleições de 1982, no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre : Ed. da Universidade, UFRGS, 1984.
- COIMBRA, Marcos Antônio. As eleições vêm aí. O eleitor não. **Revista Imprensa**, n. 57, ano V, maio de 1992.
- DINIZ, Eli. Crise política, eleições e dinâmica partidária no Brasil. In : **Revista de Ciências Sociais**, v. 32, n. 3, Rio de Janeiro, 1989.
- \_\_\_ (Org.). **Modernização e consolidação democrática no Brasil : dilemas da Nova República**. São Paulo : Vértice/Iuperj, 1989.
- FLEISCHER, David (Org.). **Os partidos políticos no Brasil**. V. 1 e 2, Brasília : Ed. UNB, 1981.
- HASS, Monica. **Os partidos políticos e a elite Chapecoense : um estudo de poder local - 1945 a 1965**. UFSC/Florianópolis, 1993. (Dissertação de Mestrado em Sociologia Política).
- JUNIOR, Olavo Brasil de Lima, et all. A Produção Brasileira Recente sobre partidos, eleições e comportamento político : balanço bibliográfico. In : **BID**, n. 34, Rio de Janeiro, 2. Semestre de 1992.
- LAMOUNIER BOLIVAR e CARDOSO, F. H. (Coord.). **Os partidos e as eleições no Brasil**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1978.
- LAMOUNIER, B. e MENEGUELLO. **Partidos políticos e consolidação democrática : o caso brasileiro**. São Paulo : Brasiliense, 1986.
- LAMOUNIER, B. (Org). **Voto de desconfiança : eleições e mudança política no Brasil**. Petrópolis : Vozes; São Paulo : CEBRAP, 1980.
- MENEGUELLO, Rachel. Partidos e tendências de comportamento : o cenário político em 1994. In : DAGNINO, Evelina (org.). **Anos 90 : política e Sociedade no Brasil**. São Paulo : Brasiliense, 1994.
- MOISÉS, José Álvaro. **Cenas de Política Explícita**. Marco Zero (xerox).
- REIS, Fábio W. (Org.). **Os Partidos e o Regime : a lógica do Processo Eleitoral Brasileiro**. São Paulo : Símbolo, 1978.

RUA, Maria das Graças e COSTA FILHO, Carlos R. Fragilidade do sistema partidário ou amadurecimento político. In: **Revista de Ciências Humanas**, v. 6, n. 9, Florianópolis : UFSC, 1990.

SADEK, Maria T. (Org.). **Eleições - 1986**. São Paulo : Vértice/Editora Revista dos Tribunais/IDESP, 1989.

SANTOS, Wanderley G. **Paradoxos do liberalismo : Teoria e História**. São Paulo : Vértice; Rio de Janeiro : IUPERJ, 1988.

SOUZA, Maria Campello. **Estado e partidos políticos no Brasil**. São Paulo : Alfa-Omega, 1976.

**Documentos:**

- TRE. Lista de candidatos eleitos por município em 1988 e 1992. Florianópolis.

**Projeto Gráfico e Composição**

GRIFOS - EDITORA UNIVERSITÁRIA  
UNIVERSIDADE DO OESTE DE SANTA CATARINA  
UNOESC - CAMPUS CHAPECÓ  
Av. Atílio Fontana, 591 E  
Fone/Fax: (0497) 23 5033  
C.Postal 747 89809-000 - Chapecó - SC